

Paliativos para todos é repto de futuro

SAÚDE Castelo Branco recebeu o primeiro congresso internacional na área. Médico espanhol Carlos Centeno diz que Portugal está no bom caminho.

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

O grande desafio dos cuidados paliativos “é passar de uma medicina paliativa para uns poucos para uma medicina paliativa para todos”. Quem o diz é Carlos Centeno Cortés, o médico espanhol que dirige a Unidade de Medicina Paliativa da Clínica da Universidade de Navarra e que esteve em Castelo Branco para protagonizar a conferência de abertura da primeira edição do Congresso Internacional de Cuidados Paliativos, que juntou mais de 400 pessoas durante dois dias.

Os cuidados paliativos continuam a ser associados a doentes idosos ou com cancro quando as necessidades vão mais além. “Temos uma grande necessidade de estruturar cuidados paliativos por exemplo para as crianças. Há como que uma bolsa de crianças com doenças degenerativas e provavelmente com muitos anos de vida pela frente mas que não têm o cuidado e a qualidade de vida adequados”, alerta o especialista: Essa necessidade aplica-se também a doentes com problemas neurológicos, insuficiência cardíaca avançada ou com incapacidades renais e que não encontram uma alternativa à diálise “Os cuidados paliativos são para todos os que estão numa situação em que a vida está comprometida. Não importa a idade ou a doença que se tem”, disse aos jornalistas antes da conferência inaugural. Carlos Centeno considera



Médico diz que estes cuidados deviam ser ensinados a todos os profissionais

que a evolução nesta área tem sido positiva mas os serviços já criados “atendem uma pequena percentagem das pessoas que necessitam”. Para chegar a mais pessoas torna-se necessário introduzir mudanças, por exemplo, ao nível da formação dos profissionais de saúde.

“Todo o médico que se aproxima de um paciente com uma doença avançada e no final da vida deveria fazer cuidados paliativos. Não há outro remédio quando a doença se torna irreversível”. Em países como a Alemanha tanto os médicos como os enfermeiros já recebem este tipo de formação, algo que na sua opinião poderia ser alargado aos restantes países da Europa e com um empurrão da própria União Europeia.

“Se a Europa adotasse uma política única em que todos os médicos e enfermeiros

aprendessem o básico dos cuidados paliativos nas suas faculdades acho que dentro de 10 anos teríamos um horizonte diferente em toda a Europa”. Em relação ao que se faz em Portugal considera que o país “pode dar lições ao resto da Europa”.

“Portugal vai bem e está a cumprir a sua tarefa em várias dimensões”, como a entrada em funções de novas equipas de cuidados paliativos, mais serviços e uma aposta na educação. Mas avisa que é preciso “continuar a avaliação da estratégia nacional de cuidados paliativos e tomar novas medidas”. O especialista fala ainda da necessidade de mudar a perceção que a sociedade tem desta questão.

“A mensagem está tingida de escuro e pela dor e acho que é preciso mudar essa visão da sociedade. Há que explicar que há

cores, que há valores, que há alívio, que há equipas de profissionais e que hoje é possível morrer em paz e com dignidade, enfrentando de um modo diferente o final da vida. Isso é algo que nem toda a sociedade ainda percebe”.

O primeiro congresso realizado em Castelo Branco aconteceu numa altura em que se volta a discutir a legalização da eutanásia. Isabel Duque, a presidente da comissão científica do encontro, diz que este não pretende ser uma resposta aos defensores da eutanásia mas mostrar que há outro caminho. “Falar dos cuidados paliativos como algo alternativo à eutanásia é muito redutor mas de facto é altura de discutirmos esta questão e de como é que vamos dar qualidade aos nossos doentes. Matar esses doentes não é cuidar deles”.